

CAMILA FERNANDES CARNEIRO

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

GIOVANNA BOZZI TROCOLI

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

GUSTAVO CARVALHO PAVÃ

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

ISAQUE SOUZA SANTOS

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

LÍVIA YUMI MIZUKAMI

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

MARINA ANTUNES KASA

*Curríc Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil uio.*

MAURICIO SANTOS MONTEIRO

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

ELAINE BESTANE BARTOLO

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

ANA ISABEL SOBRAL BELLEMOR

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

*Recebido em setembro de 2021.
Aprovado em dezembro de 2021.*

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa

Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150
Boqueirão - Santos - São Paulo
11050-071

<http://revista.lusiada.br/index.php/ruep>
revista.unilus@lusiada.br

Fone: +55 (13) 3202-4100

PREVALÊNCIA DE SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SANTOS - SP

RESUMO

Estudantes de medicina comumente têm uma rotina que impacta sua saúde mental. Este estudo avaliou a prevalência de sofrimento psíquico em alunos de todos os anos de um curso médico da cidade de Santos, particular, e procurou identificar fatores relevantes na relação entre esta população e transtornos mentais comuns. Foi utilizado o instrumento padronizado Self Report Questionnaire, para rastrear transtornos mentais comuns e outro questionário, desenvolvido pelos autores, contendo dados como idade, grau de adaptação, uso de drogas, dificuldade financeira e acadêmica, entre outros. Trata-se de um estudo quantitativo descritivo de corte transversal. Foram coletadas 420 respostas, 45,48% eram alunos dos 3º e 4º anos, e 70,48% mulheres. A maior parte procedente de outra cidade (78,28%), retornava à residência de origem semanalmente (49,28%), não referiu dificuldades financeiras (75,95%), considerava-se adaptada (92,51%) e acolhida pela comunidade acadêmica (86,33%). Sobre o curso, 67,86% consideraram ter nenhuma ou pouca dificuldade acadêmica e 5,48% insatisfeito com sua escolha. Quanto à utilização de drogas e medicamentos, os mais prevalentes foram o uso de álcool (69,79%) e de antidepressivos (13,33%). A prevalência de transtornos mentais comuns nesta população foi de 53,57% e os sintomas mais prevalentes foram "sentir-se nervoso, tenso ou preocupado" (81,15%) e "sentir-se cansado o tempo todo" (66,43%). Concluiu-se que os transtornos mentais comuns são realmente prevalentes em estudantes de medicina, as causas são multifatoriais, complexas, de forma que são necessários mais estudos aprofundados, talvez qualitativos, para conhecer melhor esses fatores e nortear possíveis medidas preventivas e ações de apoio ao estudante.

Palavras-Chave: estudantes de medicina; transtornos mentais; estresse psicológico; educação médica; saúde do estudante.

PREVALENCE OF PSYCHOLOGICAL DISTRESS AMONG MEDICAL STUDENTS AT A UNIVERSITY CENTER IN SANTOS - SP

ABSTRACT

Medical students commonly have a routine that impacts their mental health. This study evaluated the prevalence of psychological distress in students of all years of a medical course in the city of Santos, in particular, and sought to identify relevant factors in relationship between this population and common mental disorders. The standardized Self Report Questionnaire was used to track common mental disorders and another questionnaire, developed by the authors, containing data such as age, degree of adaptation, drug use, financial and academic difficulties, among others. This is a quantitative, descriptive cross-sectional study. 420 responses were collected, 45.48% were students from the 3rd and 4th years, and 70.48% women. Most of them came from another city (78.28%), returned to their original residence weekly (49.28%), did not report financial difficulties (75.95%), considered themselves adapted (92.51%) and welcomed by financial difficulties (75.95%), considered themselves adapted (92.51%) and welcomed by the academic community (86.33%). About the course, 67.86% considered having no or the academic community (86.33%). About the course, 67.86% considered having no or little academic difficulty and 5.48% dissatisfied with their choice. Regarding the use of drugs and medication, the most prevalent were the use of alcohol (69.79%) and antidepressants (13.33%). The prevalence of common mental disorders in this population was 53.57% and the most prevalent symptoms were "feeling nervous, tense or worried" (81.15%) and "feeling tired all the time" (66.43%). It was concluded that common mental disorders are really prevalent in medical students, the causes are multifactorial, complex, so that more in-depth, perhaps qualitative, studies are needed to better understand these factors and guide preventive measures and support action for student.

Keywords: students, medical; mental disorders; stress, psychological; education, medical student health.

INTRODUÇÃO

Ao longo da vida universitária os estudantes sofrem muitas dificuldades que interferem em sua qualidade de vida e conseqüentemente, em sua saúde mental. Mudar de residência, afastar-se da família, enfrentar novas responsabilidades e dificuldades financeiras são fatores muitas vezes presentes no cotidiano dos universitários (ANDRADE, et al, 2016).

Dentro do ambiente acadêmico, a cobrança pessoal e institucional em relação ao bom desempenho gera estresse e frustração, e quando associados ao futuro profissional incerto corroboram para o desencadeamento de insegurança e ansiedade. Ao longo do tempo, tais sentimentos e situações, em conjunto com a falta de suporte emocional, somatizam-se e resultam na deterioração da saúde mental do estudante (JAFARI, LOGHMANI, MONTEZERI, 2012) podendo culminar em alguns sintomas ansiosos, depressivos ou somatoformes, denominados Transtornos Mentais Comuns (TMC) ou mesmo em diagnósticos formais de transtornos mentais caracterizados pela psiquiatria.

Transtornos mentais comuns têm se apresentado com alta prevalência dentre a população brasileira adulta, segundo Santos e Siqueira (2010), apresentou uma prevalência entre 20% e 65%, com ênfases em mulheres. Diante de tal situação a prevalência de Transtornos Mentais Comuns se mostra relevante a ser pesquisada (WHO, 2002). Quando observados os índices entre os estudantes de medicina, estes são maiores do que a população em geral (MACHADO, MOURA, ALMEIDA, 2015) demonstrando a importância desse tema e da necessidade de mais estudos sobre os diversos fatores que podem interferir na saúde mental do acadêmico.

Ao constatar que os estudos publicados sobre os transtornos psíquicos entre os estudantes de medicina (CONCEIÇÃO, et al, 2019) foram realizados, em grande parcela, nas instituições públicas, federais e estaduais, fato que dificulta a compreensão, comparação e aplicabilidade dos resultados entre as diferentes instituições de ensino, percebe-se a importância de mais estudos em escolas médicas particulares com o intuito de conhecer melhor seus determinantes.

OBJETIVOS

Esta pesquisa teve o objetivo de estimar a prevalência de sofrimento psíquico em estudantes de medicina de um centro universitário de Santos. Além de estabelecer um comparativo da prevalência de TMC entre os acadêmicos em diferentes etapas de formação e os fatores associados.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional do tipo transversal que abrangeu o maior número de acadêmicos do curso de Ciências Médicas do 1º ao 6º ano de uma faculdade privada na cidade de Santos, no estado de São Paulo. Obteve-se como população alvo todos os estudantes do curso médico no momento da coleta de dados, com uma amostra de n = 420. Os critérios de inclusão foram: estar regularmente matriculado no primeiro até o sexto ano do curso de Medicina, estar presente nas salas de aula no dia da aplicação dos instrumentos e consentir em participar da pesquisa, assinando o termo de consentimento e ter mais de 17 anos. A aplicação dos instrumentos ocorreu no mês de outubro de 2018, em datas previamente agendadas com os professores, tendo sido escolhidas aulas e disciplinas que apresentavam menores índices de falta dos alunos, excluindo-se as aplicações de provas.

O instrumento a ser utilizado é o Self Report Questionnaire (SRQ), um questionário de autorrelato de rastreamento de transtornos mentais comuns, desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde e validado no Brasil por Mari e Willians (1986). Esse instrumento tem sido amplamente utilizado em pesquisas com estudantes de medicina

(VOLCAN, et al, 2003) (HIDALGO, et al, 2001). Ele é composto de 20 questões com duas alternativas (Sim/Não). Não serve como diagnóstico psiquiátrico formal, mas para as pessoas com pontuação acima do ponto de corte, pode-se inferir um grau de sofrimento psíquico. Foi estabelecido, como ponto de corte, a partir de sete respostas “Sim”, pois com um ponto de corte de 7, segundo Mari e Willians (1986), obteve-se especificidade de 80% e sensibilidade de 83%, sendo o sujeito considerado portador de um TMC. Junto ao instrumento foram colhidos alguns dados, como idade, sexo, curso, ano que está cursando, se é residente de Santos, sente-se adaptado à cidade, frequência que retorna à residência de origem, mora com família/amigo (s)/sozinho/outros, uso de drogas ilícitas, medicações, tabaco, álcool, automutilação, ideação suicida, tentativa de suicídio, dificuldades financeiras, dificuldades acadêmicas, insatisfação com a escolha profissional, entre outros, porém não o nome do estudante.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, após aprovação pelo Conselho de Curso de Graduação em Medicina. Os estudantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos do estudo e o seu consentimento foi solicitado somente após a explanação sobre a pesquisa pelos aplicadores dos questionários. O termo de consentimento, depois de preenchido, foi destacado do restante do questionário e arquivado separadamente, para garantir que a identidade dos participantes e as informações obtidas fossem absolutamente sigilosas. Todos os participantes foram assegurados de que nenhum dado seria divulgado individualmente e que apenas dados consolidados e agrupados seriam objeto de divulgação científica.

Os dados foram digitados e analisados em planilha de software Excel. Realizou-se inicialmente a análise descritiva, com checagem de consistência dos dados e obtenção de medidas de tendência central, variabilidade e tabelas de frequência simples, procedendo-se às correções quando necessário. Presença de TMC, avaliada pelo SRQ-20, foi considerada o desfecho de interesse. As associações foram analisadas pelo teste exato de Fischer, quando apropriado, considerando-se o intervalo de confiança de 95% (IC95%). Foram realizados ainda os cálculos das razões de chance (Odds Ratio) brutas e ajustadas, por meio de regressão logística (backward stepwise) para controle das variáveis confundidoras.

RESULTADOS

Do total da população-alvo (680 universitários do 1º ao 6º ano), obteve-se 420 participantes (61,7%), sendo que todos os questionários entregues a esta amostra foram respondidos e incluídos no estudo. Conforme pode ser observado na Tabela 1, destes 420 alunos, 185 (35,72%) estavam no ciclo básico (1º e 2º ano), 191 (45,48%) no ciclo clínico (3º e 4º ano) e 79 (18,81%) no internato (5º e 6º ano). A idade da amostra variou entre 17 e 35 anos com média de 22,24 (DP = 2,76). Quanto ao gênero, houve um predomínio de mulheres (70,48%). Grande parte dos alunos era procedente de outra cidade (78,28%), retornava à residência de origem semanalmente (49,28%) e não referiu dificuldades financeiras (75,95%). A maioria não residia com parentes (67,78%), investigou-se a adaptação à cidade notando-se que a maioria se considerava adaptada (92,51%) e acolhida pela comunidade acadêmica (86,33%).

Sobre o curso e desempenho acadêmico, 67,86% dos alunos consideraram ter nenhuma ou pouca dificuldade acadêmica, embora 5,48% declararam-se insatisfeitos com a escolha do curso. Quanto à utilização de drogas lícitas e ilícitas, o uso de álcool foi o mais prevalente dentre os estudantes (69,79%), seguido pelo uso de Cannabis (23,57%) e tabaco (12,67%). Dentre os medicamentos avaliados, o uso de antidepressivos foi o mais prevalente (13,33%). Ideação suicida, automutilação e tentativa de suicídio, também foram aspectos avaliados, sendo citados por 66 (15,71%), 17 (4,05%) e 10 (2,38%) alunos, respectivamente.

De acordo com o ponto de corte previamente estabelecido, a prevalência de transtornos mentais comuns nesta população foi de 53,57%. Se mais atentamente observados, conforme a Tabela 2, os sintomas mais prevalentes foram “sentir-se nervoso, tenso ou preocupado” (81,15%) e “sentir-se cansado o tempo todo” (66,43%).

Quando analisados os fatores, vistos na Tabela 1, e sua associação com TMC, o sexo ($p < 0,01$), a sensação de acolhimento pela comunidade acadêmica ($p < 0,01$) e a adaptação a Santos ($p = 0,0157$), foram significantes na pesquisa, tal como o uso de medicamentos ansiolíticos ($p < 0,01$), antidepressivos ($p < 0,01$) e remédios para dormir ($p < 0,01$). Dentre as demais questões estudadas, a dificuldade acadêmica apresentou considerável associação ($p < 0,01$), apesar de quase metade dos alunos negá-las (47,62%), assim como a presença de dificuldades financeiras ($p < 0,01$) e insatisfação com o curso ($p = 0,0146$). Outros fatores de alerta, com associação significativa, foram ideação suicida ($p < 0,01$), tentativa de suicídio ($p < 0,01$), e automutilação ($p < 0,01$), ainda que pouco prevalentes na amostra.

Tabela 1 - Prevalência SQR ≥ 7 em estudantes com fator estudado.

| Fator | Prevalência | Valor-p | Fator | Prevalência | Valor-p |
|----------------------------|-------------|---------|--------------------------|-------------|---------|
| Ano da faculdade | | | Mora com | | |
| 1º | 20,24% | 0,0656 | Parentes | 32,22% | 0,2542 |
| 2º | 15,48% | | Parceiro | 1,67% | |
| 3º | 23,81% | | Amigos | 32,46% | |
| 4º | 21,67% | | Sozinho | 32,22% | |
| 5º | 8,81% | | Outros | 1,43% | |
| 6º | 10,00% | | Sente-se acolhido | 86,33% | |
| Idade | | 0,0541 | Álcool | 69,76% | 0,3984 |
| <22 | 41,90% | | Tabaco | 12,62% | 0,9078 |
| ≥ 22 | 58,10% | | Ansiolítico | 11,19% | < 0,01 |
| Sexo | | | Antidepressivo | 13,33% | < 0,01 |
| Feminino | 70,48% | <0,01 | Cannabis | 23,57% | 0,3522 |
| Masculino | 29,52% | | Remédio para dormir | 8,81% | < 0,01 |
| Procedente de outra cidade | 78,28% | 0,1450 | Ritalina | 3,10% | 0,2501 |
| Adaptação a santos | 92,51% | 0,0157 | Lisdexanfetamina | 3,10% | 0,5585 |
| Retorno à residência | | | Outras drogas ilícitas | 9,29% | 0,9712 |
| Diariamente | 24,88% | 0,5940 | Dificuldades acadêmicas | | < 0,01 |
| Semanalmente | 49,28% | | Nenhuma | 47,62% | |
| Mensalmente | 16,99% | | Pouca | 20,24% | |
| Férias | 8,61% | | Média | 27,86% | |
| Mais que 1 ano | 0,24% | | Muita | 4,29% | |
| Já pensou em se matar | 15,71% | < 0,01 | Dificuldades financeiras | 24,05% | < 0,01 |
| Tentativa de suicídio | 2,38% | < 0,01 | Insatisfação com o curso | 5,48% | 0,0146 |
| Automutilação | 4,05% | < 0,01 | | | |

Tabela 2 - Prevalência de sintomas estudados.

| Fatores | Prevalência |
|--|--------------------|
| Tem dores de cabeça frequentemente | 38,33% |
| Tem falta de apetite | 12,86% |
| Dorme mal | 55,48% |
| Assusta-se com facilidade | 31,19% |
| Tem tremores nas mãos | 25,00% |
| Sente-se nervoso, tensou ou preocupado | 81,15% |
| Tem má digestão | 35,71% |
| Tem dificuldade para pensar com clareza | 33,10% |
| Tem se sentido triste ultimamente | 38,10% |
| Tem chorado mais do que de costume | 28,81% |
| Dificuldade para realizar com satisfação suas atividades diárias | 44,52% |
| Tem dificuldade para tomar decisões | 52,86% |
| Tem dificuldades no serviço | 17,62% |
| É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida | 10,26% |
| Tem perdido o interesse pelas coisas | 31,43% |
| Sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo | 18,81% |
| Tem tido ideias de acabar com a vida | 5,71% |
| Sente-se cansado o tempo todo | 66,43% |
| Tem sensação desagradável no estômago | 38,33% |
| Cansa-se com facilidade | 58,10% |

DISCUSSÃO

No presente estudo, a prevalência de sofrimento psíquico entre estudantes de medicina (53,57%) foi maior quando comparada a outras pesquisas que utilizaram o mesmo instrumento, SRQ, para rastrear transtornos mentais comuns em universitários do mesmo curso. Elas apontaram desde 26,1% no estudo de Cunha et al (2009) a 51,5% no de Ferreira, Kluthcovsky, Cordeiro (2016), além de outros trabalhos com prevalências entre esses valores: 29,65% (ALMEIDA, et al, 2007); 31,7% (BENVEGNÚ, DEITOS, COPETTE, 1996 apud CERCHIARI, CAETANO, FACCENDA, 2005); 33,6% (ROCHA, SASSI, 2013); 37,1% (FIOROTTI, ROSSONI, MIRANDA, 2010); 42,6% (FIOROTTI, et al, 2010); 44,7% (LIMA, DOMINGUES, CERQUEIRA, 2006) e 44,9% (SILVA, CERQUEIRA, LIMA, 2014). Como a maior parte das pesquisas foi realizada em instituições públicas (69%), existe a possibilidade de uma realidade diferente no quesito estrutura do curso e grade curricular ter impactado nos resultados. Além disso, características locais e variações regionais também são passíveis de interferir. Um provável aumento na prevalência foi o fato de a coleta de dados ter sido realizada ao final do ano letivo de um curso anual, em que a pressão é maior. O que condiz com os achados na Universidade Estadual de Ponta Grossa (FERREIRA, KLUTHCOVSKY, CORDEIRO, 2016) que comparou a prevalência no início (35,8%) e final de semestre (51,5%). Não houve associação estatística significativa entre TMC com ano de curso e nem com a idade, apesar de que os alunos do 2º e 3º anos apresentaram maior porcentagem de sofrimento psíquico comparados aos demais, assim como os mais jovens, com menos de 22 anos. Não há um consenso na literatura com relação a qual etapa do curso médico predispõe mais a desenvolver transtornos mentais, mas parece haver maior associação (BENVEGNÚ, DEITOS, COPETTE, 1996 apud CERCHIARI, CAETANO, FACCENDA, 2005) com os alunos mais jovens em consonância com os dados dessa pesquisa, talvez pela imaturidade para lidar com fatores de estresse relacionados à própria formação médica e às novas condições de vida, com necessidade de pertencimento ao novo grupo, aceitação

social, somado a muita liberdade e autonomia, que por vezes não tinham, e excesso de festas e eventos universitários, que são considerados situações propícias ao uso de drogas (PADUANI, et al, 2008) e, conseqüentemente, predispõem a TMC. Também não houve associação com a procedência, tampouco com a frequência que o estudante retorna à residência ou com quem mora. O mesmo em relação ao uso de álcool, tabaco, Cannabis e outras drogas ilícitas, embora a porcentagem, principalmente de álcool e Cannabis, tenha sido bastante relevante. O sexo feminino apresentou significância estatística com TMC no presente estudo, o que aparece também na população geral (WHO, 2002) no entanto, na maior parte dos dados em população de estudantes de medicina, essa não foi uma variável significativa (ALMEIDA, et al, 2007) (LIMA, DOMINGUES, CERQUEIRA, 2006) Independente do fato de residir ou não na cidade, não se sentir adaptado a ela, assim como não acolhido, apresentou associação com TMC. Portanto, embora a porcentagem desses alunos tenha sido pequena, 7,49% e 13,67%, respectivamente, essa constatação aponta para a necessidade de um programa de acolhimento bem estruturado que apoie esses alunos, desde o início, fazendo-os se sentirem confortáveis e integrados e com suporte de colegas, funcionários e professores, para se adaptarem aos ambientes de dentro dos Campi e fora evitando que assim adoeçam. Os primeiros resultados dessa pesquisa já mobilizaram a instituição de ensino a fazer uma mudança nesse sentido, introduzindo, oficialmente, uma semana de integração, com diversas atividades e ampliando o atendimento psicológico e psicopedagógico gratuito a todos os discentes que sintam necessidade de apoio emocional e/ou acadêmico. Outros dados estatisticamente significativos foram a associação de TMC com o uso de ansiolítico, antidepressivo e remédio para dormir, mas não houve associação com o uso de ritalina e nem lisdexanfetamina.

O presente estudo não detalhou como se dá esse uso, se é com prescrição médica ou não, se o aluno já utilizava ou passou a fazer uso após a entrada no curso médico, portanto há necessidade de aprofundamento dessa temática, visto que outras pesquisas também apontam alta prevalência de consumo de benzodiazepínicos e antidepressivos, e uma delas (WHO, 2001) ressalta que alunas do sexo feminino têm maior prevalência. Também houve relevância estatística, estando associadas a TMC, as respostas sobre ter pensamento em se matar, tentativa de suicídio e automutilação, mas por não ter sido detalhado nesta pesquisa, quando, como e em que situações esses comportamentos ou pensamentos ocorreram, não se pode fazer aprofundamento sobre o assunto, ficando um incentivo para pesquisas futuras. As dificuldades acadêmicas sentidas por 32,14% dos estudantes e a insatisfação com o curso, embora de apenas 5,48%, também aparecem como associadas ao TMC. Portanto, se faz necessário que os cursos de medicina, cada qual com sua realidade, vejam se não se faz necessário disponibilizar apoio psicopedagógico aos estudantes e ainda identificar aqueles que não estão satisfeitos com o curso, para direcioná-los na busca de uma nova orientação profissional, de forma a se encontrarem dentro da carreira médica ou não. As dificuldades financeiras, embora não tão prevalentes, tiveram significância estatística com TMC, como na pesquisa de Costa (2010) diferente de outras nas quais não houve essa relevância (CUNHA, et al, 2009) (BENVEGNÚ, DEITOS, COPETTE, 1996 apud CERCHIARI, CAETANO, FACCENDA, 2005) (FIOROTTI, et al, 2010) (LIMA, DOMINGUES, CERQUEIRA, 2006), no entanto, elas foram realizadas em instituições públicas, o que torna a realidade muito diferente. A significância mostra que os alunos que vivenciam isso podem ter sua saúde mental prejudicada pela privação de alguns recursos, por preocupação em sobrecarregar financeiramente a família ou mesmo pela incerteza do seu futuro na universidade.

Com relação às vinte questões que compõem o SRQ, todas apresentaram significância estatística com TMC, porém chama a atenção a porcentagem de alunos que referem sentir-se nervosos, tensos e preocupados, fator considerado dentro de alterações de humor depressivo e ansioso, e também o sentir-se cansado o tempo todo, assim como cansar-se com facilidade, que estão relacionados ao decréscimo de energia. Outro importante dado foi que mais da metade dos estudantes refere dormir mal, fator que afeta

sobremaneira a qualidade de vida e sabe-se que estão associados a ansiedade, depressão e não comparecimento às aulas (HIDALGO, et al, 2001) (GONÇALVES, SILVANY NETO, 2013).

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A pesquisa referida foi quantitativa e transversal, o que impôs uma série de limitações na compreensão maior de alguns fatores que nela foram associados ao TMC, deixando um desejo de realizar outras pesquisas, talvez qualitativas e quem sabe um estudo longitudinal para uma compreensão mais aprofundada, ou mesmo incentivar que novos estudos desse tipo sejam realizados. Não obstante, também que outros cursos médicos, não só os públicos, mas os particulares também se permitam enfrentar essa realidade, não temendo os resultados, pois eles parecem atingir o ensino médico no geral, seja no Brasil ou no mundo. E, somente com o desenvolvimento de pesquisas na área e a somatória de experiências poderá ser possível compreender melhor o adoecimento do estudante de medicina e propor ações preventivas que minimizem esse sofrimento psíquico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudantes de medicina comumente têm uma rotina que impacta sua saúde mental, podendo estar relacionada à transtornos mentais comuns. Os fatores que apresentaram relação mais relevante com a população estudada foram: sentimento de não estar adaptado a cidade e não ser acolhido pelos colegas, uso de ansiolítico e antidepressivo, insatisfação com o curso, dificuldade acadêmica e financeira. Tendo em vista a importância dos TMC no impacto de qualidade de vida, é esperado que os resultados desta pesquisa continuem promovendo intervenções efetivas nas faculdades de medicina em prol da saúde de seus alunos.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Me. Fernando Kauffmann Barbosa, estatístico responsável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA A.M, et al. Common mental disorders among medical students. J Bras Psiquiatr 2007;56(4):245-251. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400002>. Acesso em: 14 ago 2018

ANDRADE A.S., et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. Psicol Cienc Prof Out/Dez;36(4):831-846, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703004142015>. Acesso em: 02 ago 2018

BENVEGNÚ L.A., DEITOS F., COPETTE F.R. Problemas psiquiátricos menores em estudantes de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. Rev Psiquiatr Rio Gd Sul;18:229-233, 1996. IN: CERCHIARI E.A.N., CAETANO D., FACCENDA O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. Estud. psicol. (Natal) 10 (3) Dez 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300010> Acesso em: 09 ago 2018.

CONCEIÇÃO L.S., et al Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. Avaliação (Campinas) Set/Nov;24(3):785-802, 2019 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300012>. Acesso em:09 ago 2018

- COSTA E.F.O., et al. Common mental disorders among medical students at Universidade Federal de Sergipe: a cross-sectional study. *Rev Bras Psiquiatr* Mar;32(1):11-19, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462010000100005>. Acesso em: 06 ago 2018
- CUNHA M.A.B., et al. Transtornos psiquiátricos menores e procura por cuidados em estudantes de Medicina. *Rev Bras Educ Med* Jul/Set;33(3):321-328, 2009 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000300002>. Acesso em: 15 ago 2018
- FERREIRA C.M.G., KLUTHCOVSKY A.C.G.C., CORDEIRO T.M.G. Prevalência de Transtornos Mentais Comuns e Fatores Associados em Estudantes de Medicina: um Estudo Comparativo. *Rev Bras Educ Med*. Abr/Jun;40(2):268-277, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/jfVpgrY6MzL5kXsrjD9gH6b/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 ago 2018
- FIOROTTI K.P., et al. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *J Bras Psiquiatr*;59(1):17-23, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000100003>. Acesso em: 05 ago 2018
- FIOROTTI K.P., ROSSONI R.R., MIRANDA A.E. Perfil do Estudante de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil, 2007. *Rev Bras Educ Med* Jul/Set;34(3):355-362, 2010 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000300004>. Acesso em: 02 ago 2018
- GONÇALVES S.S., SILVANY NETO A.M. Dimensões psicológica da qualidade de vida de estudantes de Medicina. *Rev Bras Educ Med*; Jul/Set;37(3):385-395, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022013000300011>. Acesso em: 14 ago 2018
- HIDALGO M.P.L., et al. Association between mental health screening by self-report questionnaire and insomnia in medical students. *Arq Neuro-Psiquiatr*; Jun;59(2A):180-185, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2001000200005>. Acesso em: 6 ago 2018
- JAFARI N., LOGHMANI A., MONTAZERI A. Mental health of Medical students in different levels of training. *Int J Prev Med*; Mar;3(1):107-112, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3399312/>. Acesso em: 6 ago 2018
- LIMA M.C.P., DOMINGUES M.S., CERQUEIRA A.T.A.R. Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. *Rev. Saúde Pública*. Dez;40(6):1035-1041, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006000700011>. Acesso em: 13 ago 2018
- MACHADO C.L., MOURA T.M., ALMEIDA R.J. Estudantes de Medicina e as Drogas: Evidências de um Grave Problema. *Rev bras educ med*; Jan/Mar;39(1):159-167, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e01322014>. Acesso em: 16 ago 2018
- MARI J.J., WILLIAMS P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. *Br J Psychiatry*; 148:23-26, 1986. Disponível em: <https://doi:10.1192/bjp.148.1.23>. Acesso em: 16 ago 2018
- PADUANI G.F., et al. Consumo de álcool e fumo entre os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. *Rev Bras Educ Med*; Jan/Mar;32(1): 66-74, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022008000100009>. Acesso em: 05 ago 2018
- PEREIRA D.S., et al. Uso de substâncias psicoativas entre universitários de medicina da universidade federal do Espírito Santo. *J. Bras Psiquiatr*;57(3):188-195, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852008000300006>. Acesso em: 05 ago 2018

ROCHA E.S., SASSI A.P. Transtornos mentais menores entre estudantes de Medicina. Rev Bras Educ Med;37(2):210-216, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/H3Tcd33FZ3GSN3cLYG8fMVK/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 08 ago 2018

SANTOS E.G., SIQUEIRA M.M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. J Bras Psiquiatr;59(3):238-246, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000300011> . Acesso em: 19 ago 2018

SILVA A.G., CERQUEIRA A.T.A.R., LIMA M.C.P. Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de Medicina. Rev Bras Epidemiol Jan/Mar;17(1):229-242, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-790X201400010018ENG> . Acesso em: 20 ago 2018

VOLCAN S.M.A., et al. Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. Rev Saúde Pública; Ago;37(4):440-445, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102003000400008> Acesso em: 3 ago 2018

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The World Health Report 2001. Mental Health: New Understanding, New Hope. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde; 2002. Disponível em: https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf Acesso em: 5 ago 2018

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The world health report 2002: Reducing Risks, Promoting Healthy Life. Geneva: World Health Organization; 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=epuQilPtY_cC&oi=fnd&pg=PR9&dq=WORLD+HEALTH+ORGANIZATION.+The+world+health+report+2002:+Reducing+Risks,+Promoting+Healthy+Life.+Geneva:+World+Health+Organization%3B+2002 Acesso em: 5 ago 2018.